

Divergências entre...

24 SET 1984 GAZETTE

por Celso Pinto
de Washington
(Continuação da 1ª página)

Um grande grupo dos industrializados está solidário no apoio à atuação do Fundo e do banco na questão da dívida, e isto teria sido explicitamente mencionado na reunião do Grupo dos 10. Não se esperam decisões explícitas em relação à estratégia futura do banco, mas os resultados das discussões anuais poderão ter reflexos na definição de programas de aplicação em países como o Brasil, em fase de definição. Um dos pontos que separam, hoje, o BIRD e o governo brasileiro é exatamente a questão das condicionalidades e do alcance das operações de co-financiamento em discussão.

Um terceiro aspecto que terá espaço político generoso nestas discussões é o encaminhamento ideal do futuro dos países devedores.

Os países latino-americanos reunidos em Cartagena, em junho, em Mar del Plata, na semana passada, querem montar uma discussão entre países credores e devedores, a nível presidencial, no início do próximo ano.

Os Estados Unidos, com respaldo da Grã-Bretanha, querem, ao contrário, encaminhar esta discussão para o âmbito do Grupo dos 24 do FMI. O secretário do Tesouro, Donald Regan, fez, na sexta-feira, proposta para uma discussão destas questões relativas à dívida internacional, para abril do próximo ano, em Washington. Disse que encaminharia esta idéia, nessa reunião, à direção do FMI. Não detalhou sua proposta, mas parece claro que tem em mente um encontro no âmbito do Fundo, já que esta é exatamente a época do encontro do Comi-

te Interino e do Grupo dos 24.

Os países em desenvolvimento encaminharam a questão com bastante cautela na reunião do Grupo dos 24. Está mencionada no comunicado do grupo convocação de uma conferência sobre questões financeiras e monetárias internacionais.

No entanto, não há menção à idéia do encontro presidencial imaginado em Mar del Plata, explicitamente.

Na verdade, como disse o presidente do Grupo dos 24 em entrevista ao ministro da Índia, Pranab K. Mukherjee, "muitos, dentro do grupo, não consideram que este seja o fórum melhor para tratar da questão".

O ministro da Fazenda da Argentina, Bernardo Grinspun, vice-presidente do "Grupo dos 24", disse que todos os esforços de diálogo são válidos mas

deixou claro o esforço específico das conversações presidenciais sugeridas pelo "Grupo dos 11" países latino-americanos. Até o final desta reunião anual, a idéia do encontro político entre credores e devedores terá passado talvez pelo seu mais rigoroso teste.

Os países em desenvolvimento listam inúmeros outros pontos de sugestões e análise. Sugerem, por exemplo, que se acelerem estudos para criação de uma linha de empréstimo destinada aos países que tenham sofrido desequilíbrios provocados por altas de juros internacionais (um idéia também levantada em Mar del Plata).

Eles demonstraram sua preocupação com as perspectivas de crescimento econômico menos vigoroso nos países mais ricos no próximo ano, e com os efeitos negativos que poderão ter sobre as exportações

dos países endividados. Caracterizaram como ainda "severamente afetada" a situação econômica destes países, não obstante os enormes esforços de ajustes nestes últimos dois anos.

Há uma referência à necessidade de encontrar "soluções imaginativas" para a questão da dívida, e a sugestão de que se ampliem acordos multianuais, como o que o México deverá concluir. Argumenta-se que os altos juros e o gigantesco déficit fiscal norte-americano são fatores que ameaçam o processo ordenado de recuperação, e sustentam que, sem uma redução do protecionismo nos países ricos, não haverá solução possível para os devedores.

Não é mais aceitável cortar importações: "O ajuste não deve ser levado além dos limites da tolerância social e política", advertem estes países.

Divergências entre pobres e ricos no FMI

GAZETTE 24 SET 1984

24 SET 1984

Estados Unidos, o comitê interino decidiu reduzir o acesso ao dinheiro do Fundo: os países-membros, que antes podiam tomar empréstimos até um teto de 600% do valor de sua cota, passaram a ter um teto de 500%. Neste ano há uma proposta de reduzir ainda mais o acesso, estabelecendo um escalonamento até que se volte à situação original do Fundo, em que cada país podia sacar não mais do que o dobro de sua cota.

Na noite de quinta-feira, num jantar oferecido pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, ao chamado Grupo dos 11, houve, aparentemente, divergências internas, mas pode-se dizer que há um respeitável grupo de países em favor dos menores limites.

A argumentação americana é que, desde o último aumento de capital do FMI, o acesso ampliado tornou-se desnecessário. Mesmo reduzindo o acesso, os países continuariam a poder tomar recursos num equivalente, ou muito próximo, ao anterior graças ao novo capital. Se isto foi verdade para o corte aprovado no ano passado, é possível que também neste ano haja esta cautela no exame de reduções ao acesso.

O Grupo dos 24 fez também algumas importantes referências sobre o papel do FMI e do Banco Mundial. Reclamou, como é tradicional, de condicionalidades do Fundo. Mas incluiu, pela primeira vez, uma dura reclamação ao BIRD: sua mudança de ênfase, privilegiando empréstimos mais estruturais e apertando as exigências de condicionalidades, estaria desviando a instituição de suas finalidades originais, de apoio ao desenvolvimento. Além disto, sugeriram que o Banco Mundial e o Fundo não devem procurar agir de forma coordenada "para exercer uma pressão conjunta sobre os países devedores".

Este é outro ponto muito sensível. O Banco Mundial está em meio a um processo amplo de discussão sobre qual deve ser seu papel até o final da década, e este é um dos temas desta reunião de Washington. Seu presidente, A. Clausen, claramente gosta da idéia de transformar o banco num "catalisador" de recursos dos bancos privados para os países devedores, o que implicaria mais empréstimos estruturais e muito mais duras condicionalidades.

Neste ponto, de forma



Donald T. Regan

O volume de recursos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e o acesso a eles, a atitude do Fundo e do Banco Mundial (BIRD) frente à crise da dívida externa e os caminhos para o retorno ao crescimento econômico dos países devedores são três dos principais pontos que deverão separar a posição dos países industrializados e em desenvolvimento nesta reunião anual das duas instituições, em Washington.

Na sexta-feira, os países em desenvolvimento estabeleceram o roteiro público de suas opiniões, ao final da reunião do Grupo dos 24, que reúne países latino-americanos, asiáticos, africanos e do Caribe. A posição oficial dos países industrializados só deverá revelar-se claramente na reunião do comitê interino, neste sábado.

Na sexta-feira, no entanto, um encontro do Grupo dos 10 países mais ricos (na verdade, onze, com a inclusão da Suíça) serviu como prévia para suas posições.

O Grupo dos 24 defendeu

uma nova emissão de Di-

reitos Especiais de Saque (DES), não inferior a 15 bilhões anuais (o DES tem hoje um valor muito próximo ao dólar). Mais importante, sugeriu com vigor que o FMI mantenha sua política de acesso ampliado dos países-membros aos seus recursos.

Este é um dos pontos delicados em discussão nesta reunião anual.

No ano passado, empurrado especialmente pelos